

ENTRE-DISTÂNCIA

UMA POÉTICA DE CONVÍVIOS

Alessandro Barnabé Ferreira Santos*

Li “Entre-distância” pela primeira vez em 2012, ano em que travava espantoso contato com a poesia de Jorge de Sena através do livro *Fidelidade* (1958). E julgo espantoso porque, à medida que escrevo este breve comentário, consigo ainda sentir a força do poema que parece apontar para um gesto fecundo do sujeito poético seniano, ou seja, a decisão de conviver com o mundo e o outro num espaço distanciado, tornando a si e ao outro “duas ausências que a não ser se assistem”, mas com uma atenção vigilante que possibilita a visão profunda (infecta) de tudo aquilo que o rodeia. Essa “distância infinda” criada pelo movimento duplo de presença-ausência que, simultaneamente, os aproxima e os afasta, permite uma encenação erótico-amorosa entre o sujeito e o “tu”, que é afinal a pessoa amada.

O poema, constituído de uma única estrofe, apresenta uma estrutura irregular que funciona de fundo para o pacto de fidelidade firmado não só entre esse sujeito e esse tu amoroso, mas igualmente entre ele e a humanidade. Os versos iniciais parecem indicar os termos deste pacto materializado num espaço intervalar entre dois seres. Isto quer dizer que dos seis primeiros versos parece derivar imediatamente a síntese ao fim do poema. Aliás, não seria supérfluo apontar a paridade entre o primeiro verso, finalizado com o afirmativo “convivo”, e o último verso, em que se encontra somente a afirmação “convivo”. Com isso, o sujeito parece confirmar a temática afetiva e amorosa do poema, reafirmada na sua atitude programática em recuperar intratextualmente o penúltimo verso do poema “Ode à incompreensão”, escrito em 1949 e publicado no livro *Pedra Filosofal* (1950): “(De mim a ti, de ti a mim”.

De fato, este penúltimo verso situa o deslocamento afetivo entre seres, pois o “tu” é igualmente amoroso na “Ode à incompreensão”, propiciando a pergunta, feita já antes na quarta estrofe do poema de 1949, “Tão longe, meu amor, tão longe,/ quem de tão longe alguma vez regressa?!” Assim, a interrogação que completa por *enjambement* o penúltimo verso poderá ser lida como questionamento obsessivo e perseguido por um sujeito que ali, tão somente nesse poema, não encontra a sua resposta. Parece então que a suspensão provocada por essa interrogação fundamental apenas encontrará repouso na possibilidade de um convívio no formato de uma “Entre-Distância”.

Esta convivência feita de trânsito aparecerá nos decassílabos através de alguns deslocamentos: o movimento que vai de “mim” a “ti” (v. 1), de “ti” a “mim” (v. 2 e 3), “tu” somente (v. 4 e 5) ou “eu” (v. 6), e são esses os deslocamentos que geram a pergunta central do poema: “A uma distância infinda estamos, pois, tão perto,/ porquê?”. Sem dúvida, este espaço cindido de distância infinda que abarca certa proximidade interessa e muito na poesia de Sena. A sua poesia, porque testemunho, apresenta um sujeito poético cujo modo de convivência é, paradoxalmente, afastado do mundo e da pessoa amada, como o poema demonstra, porque somente a distância garante ao sujeito a “visão tão lúcida” de tudo aquilo que o rodeia. Nesse sentido, o espaço da entre-distância é o espaço próprio de realização do testemunho poético, porque é a força capaz de gerar não somente os convívios múltiplos, como já afirmei, mas também os afetos diversos, tão presentes no testemunho poético de Sena.

* Doutorando e Mestre em Letras (Literatura Portuguesa) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). No Mestrado, investigou as (não)figurações de paisagens na poesia de exílio de Jorge de Sena. No Doutorado, investiga a presença de imagens infectas ou sujas no testemunho poético de Jorge de Sena, sob a orientação da Profa. Dra. Monica Simas (USP).